

## **ECOS E SILENCIAMENTOS DO RACISMO NA VIDA DE MENINAS NEGRAS – A ESCOLA COMO AMBIENTE HUMANIZADOR E A ARTE-EDUCAÇÃO COMO TRAJETÓRIA DE LIBERDADE**

Daniely Mara Carius Recarey Eiras <sup>1</sup>

Suzana Schmidt Viganó <sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho parte da concepção de que a sociedade brasileira é racista e que este sistema é ainda mais opressor para com as mulheres. Dentro disso, acredita que a escola deve assumir uma postura integralmente antirracista e que a execução de projetos é instrumento eficaz nesse sentido. Por sua representatividade e importância literária neste tema, a escritora Conceição Evaristo foi escolhida como inspiração, sendo a sua obra “Olhos d’água” selecionada como recorte e fio condutor. O projeto visa à constituição de um coletivo feminino na escola que, a partir das crônicas do referido livro, desempenhará diálogos e atividades de Arte-Educação de modo continuado, culminando em uma Exposição aberta à comunidade escolar. As atividades de Arte-Educação se sustentam na experiência da “*escrevivência*”, desenvolvida por Conceição Evaristo, e na expressão individual das imagens a partir de cada crônica apresentada no livro, utilizando diversas linguagens artísticas. Para tal, este projeto enxerga a liberdade e o entrelaçamento de linguagens presentes na arte contemporânea, como traços fundamentais às atividades de Arte-Educação propostas. Dessa forma, objetiva-se oportunizar a reflexão crítica sobre a mulher negra na sociedade, o estímulo à criatividade e a vivência de variadas formas de expressão que são presentes na arte contemporânea. Aspirando, sobretudo, oferecer um caminho de construção de identidade como ferramenta para o alcance dos direitos de exercer uma plena ocupação dos espaços sociais e de escolher livremente as formas de viver.

**Palavras-chave:** 1. Escola antirracista. 2. “*Escrevivência*”. 3. Arte-Educação. 4. Arte contemporânea. 5. Construção de identidade.

### **INTRODUÇÃO**

Com sua história marcada pela escravização, a população negra sofre, ainda hoje, com as muitas consequências desse processo, que são especialmente maiores para as mulheres. Nesse cenário, o racismo se faz presente na formação social do nosso país e, portanto, precisa ser combatido. Kilomba (2019) nos explica que o racismo nasce de um processo de construção da diferença, onde o outro é visto como diferente devido a sua origem racial, e essa diferença é vinculada a valores estigmatizados de inferioridade. E assim, tem-se o preconceito, que quando aliado ao poder, forma o que conhecemos como racismo.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, [danicarius@email.com](mailto:danicarius@email.com); Esta pesquisa foi desenvolvida como conclusão de curso de Pós-graduação em Arte-Educação pelo SENAC-SP.

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora, Universidade de São Paulo - USP, [suzanaschmidt21@usp.br](mailto:suzanaschmidt21@usp.br).

Contudo, é incorreto lançar um olhar homogêneo sobre o racismo, pois ele é experienciado de formas diferentes por homens e mulheres. As “formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam. O racismo, por exemplo, não funciona como uma ideologia e estrutura distintas; ele interage com outras ideologias e estruturas de dominação como o sexismo.” (ESSED, 1991; HOOKS, 1989, apud KILOMBA 2019, p.98).

O reconhecimento desse processo de entrelaçamento de opressões, e a compreensão da sua amplitude de significados, são fundamentais para se estabelecer um debate mais efetivo sobre essa problemática que atravessa a nossa sociedade. Ribeiro (2019, p.21) nos afirma que “devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear opressões, já que não podemos combater o que não tem nome”. Infelizmente, as manifestações dos preconceitos raciais são experienciadas desde a infância, se fazendo presentes durante toda a vida escolar, sendo muitas vezes, perversamente potencializadas na adolescência. Dito isso, este trabalho almeja entender quais são os sofrimentos e perspectivas vividos por meninas negras durante o seu Ensino Médio. E, sobretudo, fornecer caminhos artísticos como ferramentas para que as mesmas possam se enxergar com autonomia e pertencimento, ampliando os seus espaços de ocupação na sociedade.

Para tal, como objeto para a condução desta pesquisa, escolho a obra literária da escritora Conceição Evaristo, sendo o seu livro “Olhos d’água” (2014) selecionado como recorte temático a sustentar as análises e a condução deste projeto de Arte-Educação. A escolha se justifica tanto pela linguagem, que é coerente ao público-alvo de estudantes meninas entre 15 e 19 anos, como pela pertinência ao tema, pois traz uma coletânea de crônicas nas quais a maior parte das personagens centrais são mulheres negras. Assim sendo, abraçando e dialogando com o recorte escolhido, esta pesquisa apresenta um roteiro para um projeto de coletivo feminino escolar que se intitula “De que cor são meus olhos?”. Dessa forma, o coletivo pode ser composto por qualquer discente, e atravessará o período letivo de duração do projeto refletindo criticamente sobre a mulher negra na nossa sociedade. Isso se efetiva tanto através do diálogo aberto, como por atividades de Arte-Educação por meio da escrita e de outras linguagens artísticas, mantendo para todo o percurso a obra escolhida como ponto de partida e trajetória a ser percorrida.

Dito isso, o objetivo geral desta proposta pedagógica para um coletivo feminino é promover no ambiente escolar o debate sobre a mulher negra na sociedade tendo como

recorte a obra “Olhos d’água” de Conceição Evaristo; e como ferramenta, atividades de Arte-Educação a fim de que as alunas vivenciem um espaço de diálogos, aprendizagens e construção de identidade. Assim sendo, o primeiro objetivo específico é desenvolver a capacidade discursiva das discentes incentivando que construam textos com suas histórias e experiências, isto é, pratiquem a “*Escrevivência*”, conceito cunhado pela autora-alicerce – Conceição Evaristo. O segundo objetivo específico é estimular a criatividade e a livre expressão em diversas linguagens artísticas. E por fim, o terceiro é permitir as discentes vivenciar o processo de construção e realização de uma Exposição artística para a comunidade escolar.

Barbosa e Minerini (2018, p.127) destacam que os países que passaram por processos de colonização têm como traço o menosprezo pela cultura local, advindo da longa história de imposições culturais. Infelizmente, esse sentimento de inferiorização para com a própria cultura e de baixa autoestima com relação àquilo que forma sua identidade, ainda é muito comum entre a população jovem, feminina e negra. Portanto, projetos que promovam o conhecimento e a valorização dessa cultura identitária são importantes individual e coletivamente.

Essa proposta se justifica ao trabalhar a temática do racismo contra as mulheres sob o viés artístico alicerçada em análises como a de Ana Mae Barbosa que em sua obra “Mulheres Não Devem Ficar em Silêncio”, amplia a percepção do silenciamento ao universo da Arte, afirmando e expondo o apagamento que se estabeleceu de forma tão concreta neste meio. E, ressaltando ainda, a importância de manter um posicionamento combativo a essas injustiças: “Há muitos feminismos, e o que importa é lutar contra a violência social, institucional e física que as mulheres sofrem e reescrever a História da Arte que eliminou quase a metade dos seres humanos desse planeta, a metade feminina.” (BARBOSA e AMARAL 2019, p. 430).

Portanto, a trajetória de longo prazo do projeto e o seu entrelaçamento de aspectos socioculturais, individuais e coletivos, que se dão envoltos pela apreciação e fazer artístico, justificam sua pertinência ao público escolhido. Uma vez que, o processo de construção de identidade e uma postura de cidadania crítica devem estar presentes na formação escolar. Deste modo, o processo de construção deste roteiro para um projeto de coletivo feminino escolar para debater o racismo, se estabeleceu através de consulta à literatura e as obras de domínio público acerca da temática central e de seus possíveis atravessamentos artísticos.

Assim, a pesquisa apresenta como resultado um roteiro para um projeto de coletivo feminino escolar durante 15 encontros, que são guiados pelas crônicas do livro “Olhos d’água”, onde diversos momentos vivenciados são compostos por atividades artísticas complementares. Há também neste roteiro, uma proposta de estrutura para uma exposição artística que encerra a trajetória do projeto e partilha as suas obras construídas com toda a comunidade escolar. Logo, esse trabalho – apesar de não ter sido aplicado, pois isso não era previsto – apresentou um material didático bastante estruturado, rico e possível de ser desenvolvido nas mais diversas ambiências escolares, trazendo para este espaço a instrumentalização de um projeto com uma temática extremamente necessária na contemporaneidade.

## **METODOLOGIA**

O viés pedagógico foi pautado na ótica de uma Educação Libertária, dessa forma, se estabeleceu um recorte de busca nas obras dos autores Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, bem como de outras pautadas nelas, sendo este um critério de seleção. Assim, os procedimentos que se desdobraram, têm sustento na Abordagem Triangular e na Educação Libertária, união esta que pode ser vista nas palavras da própria Ana Mae:

O sistema triangular articula o estudo sobre o universo da arte, as experiências vividas pelos estudantes/leitores em uma perspectiva política, logo as ações que a compõem - leitura da obra de arte/contextualização/fazer artístico - não podem ser vistas dissociadas, como momentos estanques ou fragmentados. O sistema triangular, pelo fato de possibilitar o acesso ao universo da Arte, como direito de todos, promove a emancipação e rompe com a “cultura do silêncio” denunciada por Paulo Freire. (AZEVEDO, 2010, p.86)

Aliado a este pilar pedagógico, foi escolhido como recorte principal autoras brasileiras, sendo pesquisadas as próprias obras e conceitos de Conceição Evaristo, bem como as ideias propostas por diversas pensadoras do feminismo negro. Dito isso, o processo de criação norteador de todas as atividades artísticas, que se concretizam por meio da escrita, tem como alicerce o conceito de “*Escrevivência*” cunhado por Conceição Evaristo, descrito pela autora, em entrevista, como:

*Escrevivência* [...] se é um conceito, ele tem como *imagem* todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram.[...]. E essa *escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a *vivência*. Ou a *vivência* do ponto de vista *pessoal*

mesmo, ou a vivência do ponto de vista *coletivo*. (EVARISTO, 2017, grifos meus).

Além da pesquisa bibliográfica com o referido recorte supracitado, outra pedra angular fundamental para o desenvolvimento das propostas pedagógicas, foi a minha própria vivência de construção delas. Essa decisão pela vivência se deu, sustentada pelo compartilhamento de ideias com Hooks ao expor que

“Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. [...] Nas minhas aulas, não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia” (HOOKS, 2017, p. 35).

Foi dividindo profundamente dessa ideologia que refleti intensamente sobre o desenvolvimento de um “Plano de Atividade Educativa”, e assim, percebi que o caminho mais sincero para a sua elaboração, era a vivência efetiva. E, desse modo, escolhi experienciar em solitude o roteiro que sugiro, a fim de encontrar as atividades que iria propor neste planejamento.

Dessa forma, fiz um intenso mergulho em cada uma das 15 crônicas, lendo com absolvição cada palavra, contemplando as imagens que me surgiam e junto a elas, as possibilidades de criação que a mim se apresentavam frente aos materiais que possuía a disposição<sup>3</sup>. Com o intuito de registrar todo esse processo de busca, criação e vivência das atividades, eu filmei, produzi e editei um vídeo<sup>4</sup> que almeja não documentar, mas de algum modo, apresentar uma possibilidade de visualização que resuma os caminhos que experienciei, e dessa forma, se colocar também como um conteúdo integrante da metodologia deste trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi produzido roteiro para um projeto de coletivo de feminismo negro no ambiente escolar no seguimento do Ensino Médio e a estruturação de uma proposta de Exposição artística das obras produzidas durante a trajetória do coletivo. A trajetória esta que é composta por um roteiro de 15 encontros alicerçados nas 15 crônicas que integram o livro “Olhos d’água”. O roteiro é composto pelo entrelaçamento de dois

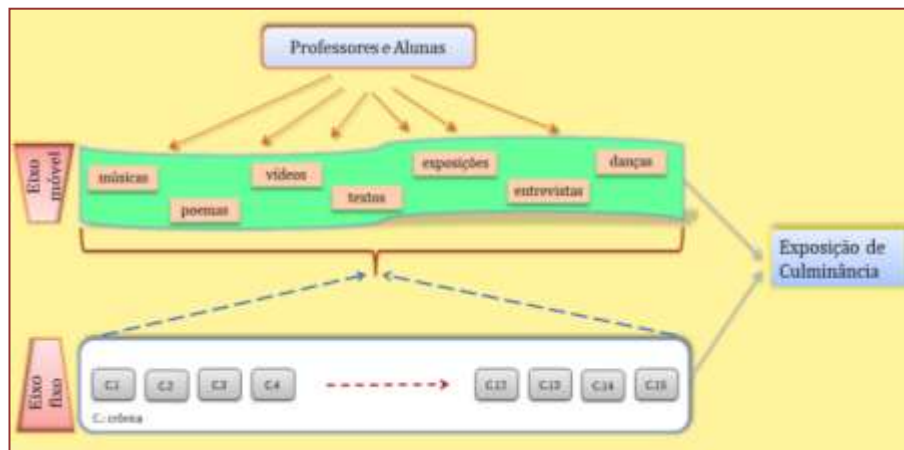
---

<sup>3</sup> Esta pesquisa se deu durante o período de isolamento da pandemia.

<sup>4</sup> O vídeo está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pjzoykHH4II>>. Todas as imagens foram produzidas pela autora. As três colaboradoras que participaram, cederam o uso de suas imagens para a composição do presente trabalho.

eixos: um fixo de caráter estruturante; e um móvel, de caráter fluido e dinâmico. O primeiro (“eixo fixo”) é a leitura em sequência das crônicas da obra “Olhos d’água”. O segundo, (“eixo móvel”) é composto por diversas outras obras e materiais que dialogam com a crônica de cada encontro que constitui o “eixo fixo” condutor dos 15 encontros. Dessa forma, elucidando a estrutura organizacional para a composição geral dos encontros e o percurso do projeto, exponho o organograma a seguir, figura 01:

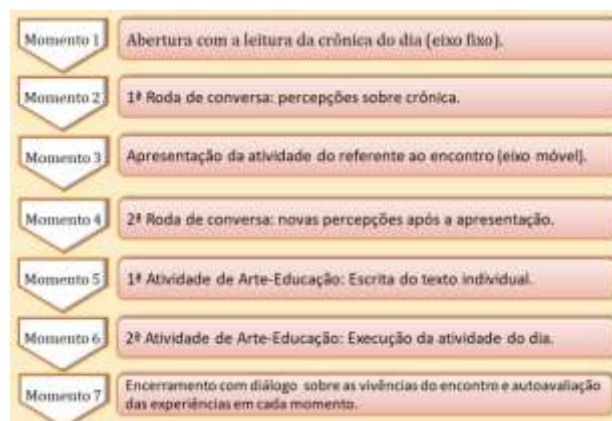
Figura 01: organograma de percurso do projeto.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir disso, cada encontro possui um roteiro estruturante básico que o orienta, mas sempre mantém espaço aberto para acolher alterações e acréscimos que se venham a emergir como pertinentes ao longo do percurso. Assim, a estrutura básica que orienta as ações dentro de cada encontro é composta por uma sequência de momentos conforme pode ser visualizado na figura 02 abaixo:

Figura 02: organograma de roteiro dos encontros.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dado o exposto, as propostas de fazer artístico realizadas ao fim de cada encontro (momentos 5 e 6) serão sempre norteadas pela crônica referente ao dia e caracterizadas em dois tipos de atividades. O momento 5, é constante ao longo de todo o percurso, pois trata-se da construção de textos autorais pelas discentes, a permanência dessa atividade se faz coerente tanto pelo objetivo de culminância do projeto, como pela vivência da escrita como um ato de criação, essa atividade oportuniza a experiência contínua da “*Escrevivência*”. Dando sequência, o segundo tipo de atividade de Arte-Educação (momento 6), foi inspirado por cada crônica a ser trabalhada, portanto, elaborado de forma específica para cada encontro, é certo que elas são, inevitavelmente, uma amostra das minhas próprias referências. Dentro das quais, com intencionalidade, busquei proporcionar um repertório amplo e diverso, onde enxergava relações potenciais com cada crônica trabalhada.

Destaco que assim como dito com relação ao “eixo móvel”, as atividades de Arte-Educação que proponho para o momento 6, também podem ser continuamente reestruturadas. Sendo importante, sempre buscar manter um equilíbrio em que as propostas tenham direcionamento, porém, sem serem restritivas, para que assim cada aluna possa desenvolver seu trabalho com fluidez em seu processo criativo.

Inclusive, almejando esse equilíbrio, optei por seguir um enunciado constante para todas as atividades, alterando apenas o direcionamento na forma de expressão proposta. De modo que o solicitado, será sempre que as alunas construam suas obras a partir das imagens que lhes vieram durante a leitura da crônica. Dentro disso, não há regras, apenas devem buscar expressar as imagens, sensações e afetamentos que vivenciaram a partir da crônica lida. Assim, a proposta de atividade oferecida pelo professor, se coloca como um guia nessa busca, um convite a experimentar o processo de criação das imagens a partir de um dado direcionamento e/ou ferramentas.

Dito isso, apresento em organograma (Quadro 01) as propostas de atividades para o plano de ação de todos os 15 encontros que antecedem a culminância, incluindo as sugestões para o “eixo móvel” e para a segunda atividade de Arte-Educação (momento 6). Por ser sempre constante e livre, a primeira atividade de Arte-Educação (momento 5), onde se dá a “*Escrevivência*”, não foi inserida no organograma.

Quadro 01: organograma das propostas para o plano de ação.

Continua

<b>Título da Crônica ("Eixo Fixo")</b>	<b>Atividade do "Eixo Móvel"</b>	<b>Propostas para a 2ª Atividade de Arte-Educação a partir das imagens formadas pela leitura da Crônica</b>
C.1: <i>"Olhos d'água"</i>	Apresentação do clipe "Um corpo no mundo". <sup>5</sup> (Luedji Luna)	Desenhar com lápis de cor aquarelável utilizando apenas duas cores.
C.2: <i>"Ana Davenga"</i>	Exibição da entrevista da com a autora Grada Kilomba no evento Flip - 2019. <sup>6</sup>	Com auxílio de uma vela, criar uma obra com giz de cera derretido sobre o papel.
C. 3: <i>"Duzu-Querença"</i>	Apresentação do clipe "Mulamba" (Grupo musical "Mulamba"). <sup>7</sup>	Montar uma escultura utilizando filtros de café coado como material principal.
C. 4: <i>"Maria"</i>	Exibição do documentário "Deixa q eu conto a minha historia"- Bia Ferreira (Canal Brasil de Fato). <sup>8</sup>	Confeccionar uma escultura utilizando folhas secas e algum tipo de folha de papel.
C. 5: <i>"Quantos filhos Natalina teve?"</i>	Exibição da Palestra "O perigo de uma história única."- Chimamanda Adichie (TED). <sup>9</sup>	Com um pincel, pintar uma das mãos, e em seguida, criar 03 movimentos apenas com as mãos.
C. 6: <i>"Beijo na face"</i>	Exibição da palestra "Precisamos romper com os silêncios"- Djamilia Ribeiro. (TED) <sup>10</sup>	Experimentar e escolher diferentes movimentos de interação entre mãos e a face.
C. 7: <i>"Luamanda"</i>	Exibição da Live "Por que amamos?" com o autor Renato Nogueira e a professora Edifrance Souza <sup>11</sup>	Produzir um desenho com lápis de cor em uma folha, e depois unir a ela algum objeto natural, como folhas, flores, sementes etc.
C. 8: <i>"O cooper de Cida"</i>	Apresentação do clipe "É tudo pra ontem" (Emicida e Gilberto Gil). <sup>12</sup>	Ouvir e dançar, livremente, a música "Lençóis" de Luedji Luna.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA><sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NgCIPHZDUki&t=1s><sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=353TNXICUrA><sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fftTK2TedmQ&t=2s><sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=265s><sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&t=69s><sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hcEsdY1-d6M&t=600s><sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qbQC60p5eZk>



Quadro 01: organograma das propostas para o plano de ação.

Conclusão

<b>Título da Crônica ("Eixo Fixo")</b>	<b>Atividade do "Eixo Móvel"</b>	<b>Propostas para a 2ª Atividade de Arte- Educação a partir das imagens formadas pela leitura da Crônica</b>
C. 9: <i>"Zaita, você esqueceu de guardar os brinquedos."</i>	Apresentação do clipe "Bonecas pretas" (Larissa Luz). <sup>13</sup>	Conversa sobre a história bonecas Abayomi seguida pela confecção.
C. 10: <i>"Di lixão"</i>	Apresentação do clipe: "A vida é desafio" (Mc Racionais).	Pintura livre em tela acrescentando à composição pelo menos 01 material, também de livre escolha.
C. 11: <i>"Lumbiá"</i>	Exibição de entrevista com o artista Criolo no programa "Espelho" (Lázaro Ramos) <sup>14</sup>	Produzir uma escultura utilizando papel alumínio como elemento principal.
C. 12: <i>"Os amores de Kimbá"</i>	Apresentação do clipe "Cais" (Milton Nascimento, Criolo e Amaro Freitas). <sup>15</sup>	Desenhar em papel com giz de cera.
C. 13: <i>"Ei, Ardoca"</i>	Apresentação do clipe "Amarelo" (Emicida, Majur e Pablló Vittar). <sup>16</sup>	Produzir 03 sons diferentes utilizando as mãos e papel alumínio.
C. 14: <i>"A gente combinamos de não morrer"</i>	Apresentação da peça teatral "Eu e ela: visita a Carolina Maria de Jesus"- Dirce Thomaz (Sesc SP). <sup>17</sup>	Escolher algumas digitais dos dedos das mãos para pintar com tinta acrílica, e com elas criar uma pintura em papel.
C. 15: <i>"Ayoluwa, a alegria de nosso povo"</i>	Leitura do Poema "Vozes-mulheres" <sup>18</sup> - Conceição Evaristo (Anexo A)	Ouvir e dançar a música vista no 1º encontro "Um corpo no mundo". A seguir participar da atividade de criação da obra <i>"Nosso Pano: Fragmentos de Narrativas e de Re-existências"</i>

Dado o exposto, para que as atividades possam ser realizadas com riqueza e liberdade de expressão é necessário que o projeto tenha disponíveis para utilização equipamentos como computador, data show e caixa de som, e ainda, um conjunto de materiais diversificados. Além disso, como material necessário, mas, especialmente, como parte integrante à metodologia do projeto, proponho a utilização de uma Estante de Acompanhamento. Essa Estante será elemento presente tanto no percurso, como na

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qk3-0qaYTzk>

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eP86LuPwUYk&t=7s>

<sup>15</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OY\\_JspW87jE](https://www.youtube.com/watch?v=OY_JspW87jE)

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XA6gCFvvgZ4&list=WL&index=10>

<sup>18</sup> Evaristo, (2017).

culminância, mantendo a mesma constituição, mas ganhando novos olhares e potencialidades. Inicialmente, ela funcionará como um local de acervo, onde cada aluna utilizará uma prateleira exclusiva, na qual guardará as suas atividades de Arte-Educação. As obras produzidas serão sempre datadas, a fim de que não se perca a sequência temporal de criação, tendo em vista que as obras foram produzidas conforme a sequência em que as crônicas se apresentam no livro, e que estarão expostas nessa formação de linha do tempo, é possível extrapolar um olhar daquilo que está se vendo para o que foi lido. Dito isso, essa estante receberá o nome de “Estante das Trajetórias, Afetos e Silenciamentos” e será o elemento central da Exposição artística, podendo apresentar as obras identificadas ou não, conforme desejo de cada aluna-autora. Assim, ao atravessar cada aluna e ser expresso por ela através das atividades de Arte-Educação, o livro alcança outra dimensão. Dimensão essa, que ocupa um espaço de exclusividade, pois as emoções que nasceram das histórias são transportadas individualmente e se materializam em processos e obras particulares. Dessa forma, torna-se possível visualizar representações da obra literária em diversas linguagens artísticas que se entrecruzam em uma proposta artística contemporânea.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os séculos de genocídio dos povos negros que ergueram a história do nosso país sangram diariamente em nossa sociedade, em cada ser humano que faz parte dela, independente do grau de consciência que ele tenha disso. Logo, compreender a vivacidade e a pungência dessa ferida é tarefa essencial a ser assumida por todos. Sobretudo pelos que ocupam o espaço da branquitude, uma vez que, para seguir uma postura verdadeiramente antirracista, é necessário que o indivíduo se conscientize e se responsabilize sobre o lugar social que ocupa.

Somada a esta construção de uma história agressivamente racista, tem-se diretamente relacionada a questão da classe e do gênero. A diferença de classe social oriunda do processo de escravização se coloca de forma absurdamente marcante em nosso país, situação que esta, que é responsável pela marginalização dos povos negros. Do mesmo modo, uma cultura estruturalmente pautada em comportamentos misóginos, é uma conseqüente realidade social desse processo, que vem sendo, e precisa ser continuamente combatida. Portanto, fica evidente que as mulheres negras ocupam, em

sua maioria, um duro e injusto lugar social, onde sofrem a sobreposição dos preconceitos de raça, classe e gênero.

Diante disso, é responsabilidade da escola enquanto instituição educacional, tomar para si a concretização de uma educação antirracista. Nesse sentido, os projetos são uma rica ferramenta pedagógica, e as Artes, uma linguagem com extremo potencial transformador. Dessa forma, devido a toda importância e representatividade de Conceição Evaristo, a escolha por uma de suas obras se apresentou como um caminho muito natural para o desenvolvimento do presente trabalho. Assim como, os pilares na liberdade de expressão e entrelaçamento de linguagens da arte contemporânea emergiram como instrumento indissociável.

Portanto, acredito que a obra “Olhos d’água” traz a força, a dor e a beleza fundamentais à formação das alunas e à abertura aos tantos diálogos necessários no caminho por uma consciência crítica promotora de transformação. Junto a isso, creio também no poder da escrita como ato de criação, de “*Escrevivência*”. Que carrega em si, o poder de subversão aos lugares sociais impostos pelos preconceitos. Logo, praticar a “*Escrevivência*” de modo estruturado na escola, possibilita a experiência de reconhecimento das suas próprias potencialidades e da não subordinação aos diversos sistemas de opressão. O que leva a escola a ocupar o desejado lugar de promotora de transformação e de libertação dos indivíduos.

Junto a isso, vivenciar as atividades de Arte-Educação alicerçadas pedagogicamente, no incentivo à autonomia e à liberdade e, artisticamente, no entrelaçamento de linguagens estimuladas pela arte contemporânea, é, seguramente, uma experiência formativa enriquecedora no processo educacional das discentes. Experiência esta, que se amplia em ainda mais sentidos ao propor a organização de uma Exposição, pois este é um processo que estimula o desenvolvimento de novas potencialidades, desmembrando um universo de conhecimentos singulares que nem sempre são oportunizados pela escola.

Assim, o projeto “De que cor são meus olhos?” abraça de forma ampla o estímulo a “*Escrevivência*”, o processo de expressão de imagens em obras de artes, e ainda, o compartilhamento das vivências entre os membros e para com comunidade escolar. Deste modo, creio que ele se coloca como instrumento de reflexão sobre as importantes questões que tangem os desafios da mulher negra em nossa sociedade. E, sobretudo, como concreta e potente ferramenta de transformação, que é afinal, função maior da Educação.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. A. G. Bússola para os navegantes destemidos dos mares da Arte/Educação. EM: BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. 463p.

BARBOSA, A. M. T. B. e MINERINI NETO, J. Capítulo 10 - Arte, educação e contemporaneidade. EM: \_\_\_\_\_ **Fundamentos de Arte-Educação**. 1ª ed. São Paulo: Editora SENAC, v. 1. 2018. 134p.

BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, Vitória (Orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, desing, educação**. São Paulo: Cortez, 2019. 437p.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2014

EVARISTO, Conceição. *Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento* [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 23 de maio de 2024.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2017. 283p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro, Cobodó, 2019. 244p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 135p.